

Bloco de Notas

Relações frias entre Washington e Moscovo



As relações entre os “novos rapazes na Casa Branca e no Kremlin” não estão no seu melhor, constata Judy Sigov, no número de Abril do “The World Today”, depois de uma sucessão de pequenas crises que opuseram russos e americanos e que culminaram na expulsão mútua de uma série de diplomatas. Será difícil, para já, voltar aos abraços e gargalhadas de Bill (Clinton) e Boris (Ieltsin). Sigov prevê uma época de pragmatismo. Os EUA já deixaram claro que as suas prioridades são agora a China, as relações com a União Europeia, a cooperação Ásia-Pacífico e o comércio com a América Latina – e não exactamente a Rússia, embora esta continue a considerar-se uma superpotência incontornável. Mas Moscovo não deverá reagir de forma excessiva a este desinteresse. Provavelmente vai aproximar-se mais da Europa e insistir na integração com as antigas repúblicas soviéticas. E, segundo Sigov, se as coisas lhe correrem bem, talvez os EUA sejam obrigados a olhar novamente com mais atenção para Leste. ■

Reavaliar o processo de Barcelona

O Sul do Mediterrâneo está a ser usado cada vez mais por grupos criminosos, que se aproveitam do laxismo dos sistemas legais, da corrupção das autoridades e da vulnerabilidade de populações empobrecidas. Um dos seus principais negócios é o tráfico de imigrantes, que inclui já iraquianos, iranianos ou chineses, que optam pela rota do Norte de África. A União Europeia não parece ter-se ainda apercebido inteiramente dos riscos que este fenómeno representa para ela própria, nem do facto destas redes criminosas serem verdadeiramente transnacionais, com ligações ao Cáucaso, China ou Ásia Central, escreve Claire Spencer no número de Março do “The World Today”, a revista do Royal Institute of International Affairs. Spencer recorda o falhanço na adopção, o ano passado, da Carta para a Paz e Estabilidade no Mediterrâneo e faz sérias críticas à forma como os Quinze estão a empenhar-se no processo euromediterrânico. O processo de Barcelona deve ser global, menos burocrático, e incluir



urgentemente outros actores não estatais. Finalmente, defende Spencer, é preciso uma muito maior integração do Mediterrâneo na política europeia de segurança e defesa. ■

A independência do Montenegro

Os receios da comunidade internacional de que a eventual declaração de independência do Montenegro em relação à Jugoslávia possa desestabilizar tanto o próprio Montenegro como a região são “provavelmente exagerados”, na opinião dos peritos do International Crisis Group (ICG) que elaboraram no final de Março um relatório sobre esta questão. A convicção do ICG baseia-se fundamentalmente num factor: sem Slobodan Milosevic, a eventualidade de o regime de Belgrado utilizar a força para travar a independência do Montenegro praticamente já não existe. E, sem o apoio de Belgrado, os grupos anti-independência dentro do próprio Montenegro que admitissem a hipótese de recorrer à força não teriam quaisquer perspectivas de sucesso. Da mesma forma, o ICG considera que este processo não terá consequências imediatas para o Kosovo, cujo estatuto “tem que ser resolvido pela comunidade internacional independentemente do que o Montenegro fizer”. Por isso, o relatório conclui que a comunidade internacional deve deixar de pressionar o Presidente Djukanovic (na foto) para que abandone as suas aspirações de independência, deve adoptar uma atitude de neutralidade e aceitar o acordo que for estabelecido entre a Sérvia e o Montenegro. ■



Como integrar os imigrantes?

“Etnias, religiões, comunidades – o grande desafio das diferenças” é o título do dossier organizado pelo “Le Monde des Débats” de Abril, onde se retoma a polémica instalada na Holanda com o texto do jornalista Paul Scheffer. Este questiona a política dos governos holandeses em relação à integração dos imigrantes, citando estudos oficiais segundo os quais “os filhos de imigrantes apresentam um atraso considerável no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem da língua, o que lhes impede o acesso aos melhores empregos, embora exista entre eles uma ‘reserva de talentos’”. O problema, diz Scheffer, é que “as fontes de coesão são raras” e está-se a assistir “à queda do castelo de cartas da sociedade multicultural”. E isto porquê? Porque, prossegue Scheffer, “recusamos explicitar o que cimenta a nossa sociedade, falamos muito pouco das nossas fronteiras, não temos relações com o nosso passado, maltratamos a nossa língua”. Uma sociedade que queira integrar com sucesso os seus imigrantes tem que, ao mesmo tempo que respeita as tradições e valores destes, assumir os seus próprios. Para que todos juntos possam ter algo em comum. ■

